

ALEXANDRA E A MAIS BELA CIDADE RUSSA

Nossa última experiência moscovita foi num grande *shopping center* instalado ao lado da Praça Vermelha num maravilhoso prédio que ocupa mais de uma quadra. É o centro comercial Europskaia. No primeiro andar, redes de lojas mais populares, como a Zara, no segundo as grandes grifes internacionais, da Mont Blanc à Yves Saint Laurent. Pelas etiquetas que vimos na Zara, os preços das peças de roupa, aqui, são mais altos em rublos, do que aquilo que se anuncia em euros, ou seja, os preços praticados, por essa rede na União Européia. Este fato mostra não apenas o adicional decorrente do peso dos transportes sobre o preço de um produto, mas o custo de vida elevado que, hoje, se vê na Rússia.

Na saída, pudemos, uma vez mais, olhar para a Praça Vermelha, pois embora fosse 22h15, a claridade era boa e os últimos registros fotográficos foram possíveis sem *flash*. A magnitude desta praça, sua extensão e o grande número de pessoas que circulam para fotos é impressionante.

Chegamos à estação ferroviária de onde partiremos para São Petesburgo. Estamos um pouco ansiosos porque o bilhete é eletrônico e, segundo Helena, não é necessário nada impresso a ser apresentado, a não ser o passaporte para comprovar nossa identidade. Mal chegamos à plataforma indicada e lá está nosso trem. Mia Couto, o escritor moçambicano, dando voz a um de seus personagens, escreveu:

“Nunca gostei de aeroportos. Tão cheios de gente, tão sem ninguém. Prefiro as estações de comboio, onde sobra tempo para lágrimas e para acenar de lenços. Os comboios arrancam lentos, suspirantes, arrependidos de partir. Já o avião tem pressas que não são humanas.”¹

¹ Na p. 69, do livro *A confissão da leoa*, publicado pela Editora Caminho.

A vontade de começar a viagem é tão grande que a despedida de Helena é rápida, mas depois que entramos no trem os sentimentos expressos por Mia Couto ganham força. Olho pela janela e ela já está indo embora. Deixa um pouco de saudades porque, depois de dois dias convivendo com seu jeito cartesiano de pensar e agir, na última tarde, vimos que ela começava a rir e relaxar com as brincadeiras dos brasileiros.

Minha ansiedade não decorria, apenas, de não termos um bilhete físico, para garantir a entrada no trem, mas de não sabermos como seriam as cabines deste “veículo”. Finalmente, quando as luzes do vagão oito se acenderam, ainda estando na plataforma, vimos pela janela que a tal cabine era uma gracinha.

Leny e Márcio ocuparam a primeira do vagão e nós a de número 2. O espaço não deve ser superior a quatro ou cinco metros quadrados, mas há tudo que necessitamos para passarmos uma boa noite – um luxo perto do que seria viajar sentado no avião. De cada lado da porta, uma cama, bem feitinha com seu lençol branco, acolchoado forrado também de branco e colcha estampada. Abaixo de cada leito, grandes caixas de metal para guardar as malas e bolsas. Ao meio, em frente à porta de entrada, uma pequena mesa, onde já estava parte do necessário ao café da manhã do dia seguinte. Nas laterais, tomadas para carregar celular, ligar o computador, acender a luz de cabeceira para leitura, chamar a jovem que atendia ao vagão e, ainda, fechar ou abrir a porta com toda segurança, por meio de um cartão eletrônico. Havia, ainda, um pequeno armário com dois cabides para pendurar a roupa. Nas laterais da cama, acomodava-se um par de chinelos brancos novinho, uma bolsinha com pasta, escova de dente, pente e uma calçadeira, o que me pareceu muito estranho, afinal, para nós brasileiros, isto jamais estaria num *kit* de acessórios básicos.

O trem partiu às 23h45, em ponto, como o previsto, nem um minuto mais, nem um minuto menos. Resolvemos conhecer o vagão restaurante. Leny estava especialmente animada e falamos de muitas viagens de trem possíveis de serem feitas: sonhamos fazer a Transcanadiana, a do Expresso Oriente, a Transiberiana,

o Trem Azul da África do Sul. Márcio lembrou do Ouro Verde, o que ligava o Oeste Paulista à capital nas décadas que sucederam os primeiros tempos de ocupação da Alta Sorocabana.

O vinho que bebemos no vagão restaurante, o balançar do trem, após um dia de muita andança, em Suzdal e Moscou, e o fato de que já era quase duas horas da manhã criaram o ambiente favorável para uma adorável noite de sono que foi interrompida às 8h da manhã, quando já estávamos nos arrebalde de São Petesburgo.

Como somos brasileiros, a falta de banho nos incomodava, mas descemos animados na plataforma da estação, onde nos esperava nossa guia Alexandra, que logo nos apresentou o motorista Alexandro e nos explicou que Sacha é apelido para este nome em russo, não importa se masculino ou feminino.

Ela é a mais jovem entre as guias que já conhecemos na Rússia. Deve ter 30 anos, se tanto. É gordinha, tem bochechas coradas, fala um espanhol de muito bom nível, mas, ao contrário de Helena, não entende quando falamos em português. Ela é a mais entusiasta entre as quatro guias que experimentamos. Fala animadamente sobre sua cidade, não hesita em afirmar que é a mais bonita da Rússia.

Em parte pelo entusiasmo dela, em parte pela beleza mais ocidental da cidade, em três minutos estamos encantados com São Petesburgo, que se chamou Leningrado, durante o período socialista, e voltou ao nome original após o fim do regime soviético. Alessandra explica que seus moradores usam os dois nomes e muito freqüentemente adotam, apenas, Peter.

É impressionante a beleza do conjunto, conformado por edificações majestosas, elegantes e muito adornadas, que se valorizam pela presença do Rio Neva, seus afluentes e canais. A cidade tem dezenas de pontes, algumas do século XIX, outras do século XX. Fico me perguntando por que Veneza ou Amsterdã são mais

famosas e, logo, lembro-me do quanto sabemos pouco sobre a Europa Russa – só pode estar aí a explicação.

Mal saímos da estação ferroviária, com a van que nos esperava, e Alexandra começa a falar sobre a origem desta cidade em 1703 e a frisar os feitos de Pedro I, o imperador russo, para implantar a que viria a ser a capital de seu império. Foi sua a idéia de erguer uma cidade às margens do Golfo da Finlândia, que não resultasse apenas da sucessão de formas de ocupação, mas que tivesse um planejamento. Suas linhas mestras foram dadas por seu sítio litorâneo, na encruzilhada com a foz do Rio Neva. Os canais foram construídos como forma de se ter acesso à cidade, chegando pelo mar. Os grandes edifícios foram erguidos, situando-se de modo a favorecer perspectivas que engrandecessem a monumentalidade das obras.

O grande feito de Pedro I, ao decidir fundar esta cidade, não está apenas nas formas urbanas que foram criadas, mas também no convite que efetuou a arquitetos europeus para projetá-la e a cientistas alemães que vieram fundar a Academia de Ciências. Pintores e finos artesãos também se instalaram na cidade para adornar os palácios que estavam sendo construídos. Assim, criou-se uma mescla de influências inglesa, alemã, sueca, francesa e holandesa que gerou um estilo de cidade que é justamente a síntese dessas escolas, o que tornou São Petesburgo muito diferente das outras grandes cidades russas de então e, por isso tudo, a única que é, efetivamente, identificada como tendo um “ar europeu”.

De fato, o imperador desejava produzir um marco que distinguisse essa cidade da “velha” Rússia, ao mesmo tempo, em que desejava se imortalizar por meio da cidade que inscrevia nesta paisagem que sintetiza terra, mar e rio. Nikolai Antsiferov escreveu sobre ela: “O observador tem a possibilidade de ver a cidade no marco da natureza que a rodeia. A natureza parece penetrar na cidade e a cidade projeta seu reflexo sobre a paisagem circundante.”

É provável que minha impressão sobre São Petesburgo não fosse tão boa, se o dia não estivesse tão lindo, como está este 11 de julho de 2012. A cidade cortada por

rios e canais está, em grande parte, assentada em ilhas que se conformam com essas vias.

As primeiras construções estão na Ilha Záiachi, onde se ergueu a Fortaleza de São Petesburgo, com formato hexagonal, com seis bastiões, um em cada vértice. Como a edificação mais imponente que está intra-muros é a Catedral de São Pedro e São Paulo, hoje a fortaleza é chamada pelo nome dos dois santos. A vista que temos dela, estando do outro lado do rio é maravilhosa, porque a torre da catedral é totalmente folheada a ouro.

Estamos hospedados na Ilha Vasilievski, onde está o porto da cidade e onde ela própria se originou, ainda que não tenha se tornado o centro, ou seja, neste caso, não há coincidência entre o sítio histórico e o centro principal da cidade. Seu prédio mais famoso é o edifício chamado A Bolsa, muito importante, no passado, para o comércio realizado pelo porto. O prédio é bonito, com seu estilo dórico, o que explica seu apelido de o “Pantheon Russo”. Hoje, funciona nele o Museu da Marinha.

No que se pode considerar continente, ou seja, terras não insulares, está a maior parte das grandes edificações que marcam a paisagem urbana de São Petesburgo, bem como a área hoje reconhecida como centro principal da cidade. A Catedral de São Isaac, construída entre 1808 e 1858, forma um bonito conjunto na praça de mesmo nome, com a fachada do Palácio Mariínski, edificado entre 1839 e 1844. Nele, ao final do mesmo século, funcionou o a Assembléia Legislativa de São Petesburgo.

No entanto, o mais sensacional de todos os edifícios da cidade, também localizado nesta área continental, é o Palácio Hermitage. Foi construído, entre 1754 e 1762, como residência imperial oficial, papel que exerceu entre 1763 e 1917, ano da Revolução Socialista.

Ainda quando era um palácio imperial, o Hermitage (que significa solitário) já abrigava uma coleção de obras de arte, por iniciativa da Imperatriz Catarina II. A

partir da revolução, com o fim do império czarista, este palácio e mais outros três que compõem o mesmo complexo, abrigam o maior museu russo, com um acervo de três milhões de obras de arte que, para serem vistas, são apresentadas em exposições que se revezam, porque, apesar da grandeza do prédio, só é possível, ao mesmo tempo, a exposição de 30% do total do acervo.

Alexandra dando continuidade ao seu discurso ufanista sobre a cidade, pergunta-nos se temos ideia do tempo que demoraria para visitar o museu todo, se permanecêssemos um minuto diante de cada obra. Mentalmente, calculo algo como três dias, Leny pensa em uma semana, mas antes que a gente falasse alguma coisa, ela mesma responde alegremente à sua própria pergunta, informando que seriam necessários oito anos. Tudo isso?

O prédio é pintado de verde e branco. Suas colunas têm capitéis folheados a ouro. Uma fachada se volta ao Rio Neva e a outra para a grande Praça do Palácio, no centro da qual está a Coluna de Alexandro, estando do outro lado, em forma semi circular o Edifício do Estado Maior construído na primeira metade do século XIX.

As salas do palácio museu são impressionantes. A que abriga a escada principal, por onde entram os visitantes, é toda em mármore branco, com esculturas, relevos e sancas folheados a ouro. A maior parte dos adornos, acabamentos e mobiliários atuais é posterior ao grande incêndio de 1837 que destruiu tudo que havia sido feito antes.

Ao contrário de Natália, que queria nos mostrar tudo que havia no museu que visitamos em Moscou, Alexandra pergunta o que desejamos priorizar e, ouvindo nosso desejo de dar mais atenção aos impressionistas, coloca, antes, foco em duas obras de Leonardo da Vinci, duas de Michelangelo, algumas de Rembrandt, para depois nos deliciarmos com os Renoir, Monet, Pissarro, Cézanne, Gauguin e Van Gogh. O famoso painel “A dança” de Matisse, em que são retratadas cinco pessoas nuas vermelhas pintadas sobre fundo azul e verde está neste museu. Tantas vezes vi reproduções desta pintura, que acabo me emocionando ao vê-la agora, também por causa de seu tamanho e da força vibrante de suas cores.

No caso das outras guias que nos acompanharam, insisti muito com as questões que levavam a comparações entre o período socialista e o atual. No caso de Alessandra, essas perguntas não ganham muito eco, por dois motivos que eu suponho que sejam importantes: - com cerca de 30 anos de idade, muito pouco ela se lembra, da fase anterior a 1991; - seu pai era comerciante de carros e apreciou muito a abertura da economia de mercado. Ela parece ter herdado dele grande tino comercial, porque à medida que vai ampliando seus adjetivos para qualificar a cidade que nos apresenta, vai lançando no ar possibilidade de pacotes turísticos adicionais, acrescentando sempre a palavra "imperdível!".

Uma cidade tão linda, com uma garota propaganda tão eficaz, levou-nos a contratar um passeio de lancha no meio da tarde para ver a cidade, a partir do rio principal, seus afluentes e canais. Segundo Alessandra: "Ver a cidade do jeito que Pedro I gostaria que a víssemos!".

Ainda nem saímos do L'Hermitage e ela, discretamente, já está atendendo seu celular pela 5ª. ou 6ª. vez. Pelo que percebo, são contatos para fechar uma ida ao teatro com outro grupo à noite, um passeio pelos arredores da cidade daqui a dois dias, o contrato com o dono da lancha que vai nos levar a passear daqui a pouco etc, etc. Alessandra não dorme no ponto.

Mal entramos no barco e lá vem ela, em seguida, com uma garrafa de champanhe russa e cinco copos para brindarmos a linda cidade. Apesar do calor intenso, assim que a lancha dispara, o vento é forte. As águas fluviais se movimentam muito, tanto pelo número de embarcações que as cortam (desde barcos de turistas até transporte coletivo para os moradores da cidade), como pelo vento que sopra do mar intensamente, fazendo força contrária ao seu curso natural, da nascente à foz.

Mesmo descontando-se a excessiva capacidade de propaganda de Alexandra, é incrível a beleza da cidade agora vista de outro ponto de vista, pois a partir do barco, vemos as fachadas ainda mais imponentes, porque mais altas. A rapidez da lancha possibilita que as cores delas passem rapidamente diante dos nossos olhos, valorizando a policromia composta de verdes, amarelos, azuis, cinzas e brancos.

Chegamos ao Hotel Skoda, de uma rede sueca, por volta das 17h, exaustos pelo sol, pela noite no trem, pela falta de banho, mas extasiados com a cidade. Ficamos nos perguntando se não teríamos achado Moscou sem graça, caso tivéssemos começado a viagem pela capital anterior dos russos.

O hotel é confortável e bonito: um spa de decoração *clean* e agradável composto por uma torre de apartamentos que se acopla a uma antiga edificação de tijolos vermelhas revitalizada, na qual estão os serviços de banhos, massagens, cafés e restaurantes que dão apoio à hospedagem. À noite, nenhum de nós sente vontade de deixar esse ambiente tão agradável e ali mesmo experimentamos o mais famoso prato, no Brasil, pertencente à culinária russa – o stroganoff. Bem, há diferenças em relação àquele que resulta da adaptação brasileira, mas adoramos o que nos oferecem.

Julho de 2012

Carminha Beltrão